

Filosofia

O problema do mal em Baruch de Espinosa

Camila dos Santos Cassulli - 8º módulo de Filosofia, UFLA, bolsista PIBIC/FAPEMIG

Luiz Roberto Takayama - Orientador DCH, UFLA - Orientador(a)

Resumo

O presente trabalho de pesquisa teve por objetivo analisar o problema filosófico do mal, conforme desenvolvido por Baruch de Espinosa. A partir disso, buscou-se identificar nos argumentos do filósofo a distinção entre sua ideia de mal e aquela comum à tradição filosófica de sua época, além de relacionar essa concepção de mal com o restante do trabalho filosófico do autor. Nas oito correspondências trocadas com Willen Van Blyenbergh entre dezembro de 1664 e junho de 1665, torna-se possível ter mais clareza sobre como o filósofo define esse problema tão caro à tradição filosófica. Porém, tendo em vista a breve correspondência entre estes interlocutores mostra-se necessário adentrar a *Ética* - obra póstuma de Espinosa – na qual o filósofo expõe sua metafísica e onde termos como “mal” e “bem” são recorrentes para complementar a exposição feita nas cartas. Após ler os *Princípios da Filosofia Cartesiana* e os *Pensamentos Metafísicos* Blyenbergh, argumenta que nestas obras Espinosa dá espaço para duas hipóteses um tanto quanto absurdas. Nas quais, Deus não só enquanto criador mas também como responsável por conservar suas criações, torna-se responsável pelos impulsos, pelas suas vontades, e tendo em vista que tais criaturas agem muitas vezes promovendo o mal, então Deus seria também sua causa. Ou, ainda numa segunda hipótese, se Deus é um ser perfeito que cria e conserva suas criaturas, então, elas deveriam ser perfeitas e por conseguinte, não existiria o mal. No entanto, diferentemente da tradição filosófico-teológica da época, o mal na filosofia de Espinosa não existe do ponto de vista ontológico, como entidade positiva; não é compreendido como privação de um estado melhor do ser; e nem mesmo como negação na essência, um não ser. Isso ocorre, pois, o filósofo possui uma noção imanente da realidade, em que há uma única substância, infinita e perfeita, da qual participa tudo que existe. Este é o Deus conforme Espinosa, uma substância que se expressa por meio de atributos e modos finitos e infinitos que compõe toda a natureza, e que portanto, estabelece apenas relações de composição, não sendo possível atribuir o mal a tal substância. Nesse sentido, não existe o mal do ponto de vista da natureza inteira, nesta as coisas necessariamente se compõem. O que é possível não é o “mal”, mas o “mau”, visto de uma perspectiva particular, levando a um critério ético de bom e mau na filosofia de Espinosa em detrimento de um critério moral do bem e do mal.

Palavras-Chave: Mal, Deus, *Ética*.

Instituição de Fomento: FAPEMIG

Link do pitch: <https://youtu.be/qy8rVha9Vs0>